



TRAVAGATA

PATROCINAM ESTE ESPECTACULO:

CÂMARA MUNICIPAL DA COVILHÃ

EMISSORA NACIONAL

JUVENTUDE MUSICAL PORTUGUESA

TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS

# LA TRAVIATTA

Ó P E R A  
EM 3 ACTOS  
(4 QUADROS)

DE

*Giuseppe Verdi*

COVILHÃ, 18 DE MAIO DE 1951

---

A PERFUMARIA BONINA PERFUMOU ESTE PROGRAMA



## GIUSEPPE VERDI E A TRAVIATA

Nascido aos 10 de Outubro de 1813 na pequena aldeia de Le Roncole, de modestíssima condição, Giuseppe Verdi, começou de tenra infância a demonstrar singular inclinação para a música.

Discípulo sucessivamente de Baistrocchi, Provesi e Lavigna e sob a paternal protecção de António Barezzi, que foi seu benfeitor e depois seu sogro, Verdi estreou-se como compositor de óperas com uma partitura de nome «OBERTO, CONTE DE SABBONA BONIFACIO», cantada com êxito no Scala de Milão.

A morte de sua mulher e seus dois filhos em pouco menos de trez meses arrastaram-no a uma profunda tristeza e a uma inactividade tal que foi necessário que Merelli, Director do Scala, usasse quase de violência para o levar a compor a música da ópera «Nabuco», que foi o primeiro de uma série de êxitos que o celebrizaram. «Lombardi», «Ernani», «Trovador», «Traviata» e «Rigoletto», entre outras, constituíram êxitos retumbantes que ainda hoje perduram.

Além do valor real e incontestável das suas obras, uma faceta da sua vida que teve decisiva importância na sua gloriosa carreira foi o chamado «Caso político de Verdi». O seu nome era gritado entusiasticamente pela multidão com intenções subversivas pois as letras que o constituem são as iniciais da frase que resumia as suas justas aspirações patrióticas: **Vittorio Emmanuel Re D'Itália**.

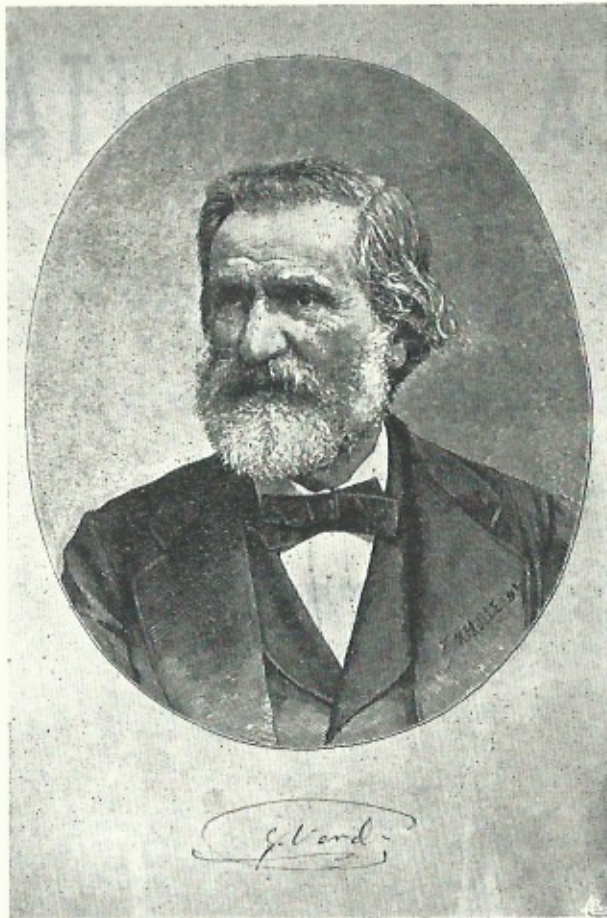
A ópera «Aida» foi a primeira da última maneira de Verdi e aquela em que mais se aproxima do estilo da Grande Ópera. As suas últimas obras foram o drama lírico «Otello» e a comédia musical «Falstaff» com a qual o grande músico italiano encerrou a sua carreira artística. Além das óperas, que constituem a parte mais importante da sua obra, Verdi deixou-nos algumas admiráveis «Peças Sacras», «Romanzas», «Um Quarteto de Cordas», um «Te-Deum» e uma «Missa de Requiem» para solos, coro e orquestra, dedicada à memória do grande poeta Alexandre Manzoni, autor do romance «Os Noivos».

.. Quando faleceu, acompanharam-no à sua última morada 100.000 pessoas.

\* \* \*

O entretcho da ópera «Traviata» baseia-se no célebre romance de Alexandre Dumas, Filho, «A Dama das Camélias», cuja versão teatral Verdi viu representar em Paris. Apercebendo-se de que o assunto era musicavel, o Mestre confiou a Francesco Maria Piave o encargo de escrever um libreto sobre o assunto. Piave entregou-lhe o trabalho pronto quando Verdi começava a ensaiar o «Trovador», mas isso não impediu que iniciasse ao mesmo tempo a música da nova ópera, e em 6 de Março de 1853 a «Traviata» se cantou pela primeira vez à cena no Teatro «La Fenice», de Veneza tendo obtido um fracasso estrondoso, na tal forma que no último acto todo o público ria às gargalhadas. Ouve no entanto razão para isso, pois além da má actuação dos cantores, houve até a infelicidade do aspecto físico da soprano, que era muito gorda, contradizer em absoluto as palavras do médico que afirma estar a protagonista a morrer de tísica..., o que provocou o riso dos venezianos.

Apesar deste incidente a ópera voltou à cena no Teatro de S. Bento da mesma cidade, obtendo um extraordinário êxito e passando a ocupar entre as óperas de Verdi um lugar de justo relêvo.

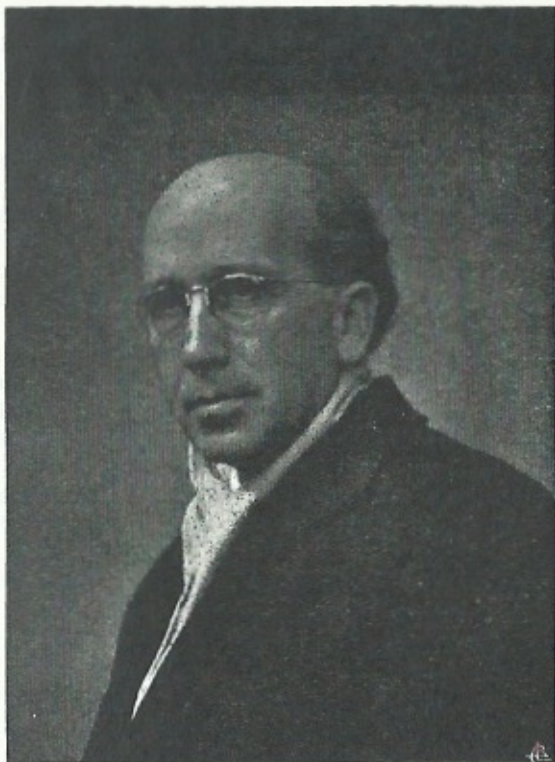




## NOTAS BIOGRÁFICAS

DE

FREDERICO DE FREITAS



Frederico de Freitas é uma das figuras de maior prestígio da música portuguesa. Como compositor é autor de uma Sonata para violino e violoncelo, uma obra arrojada cuja primeira audição foi em 1923. Compoz também uma «Missa Solene» escrita expressamente para as Festas Centenárias de 1940, obra de grande envergadura sinfónica em que domina admiravelmente a técnica de instrumentação. Os seus bailados de índole portuguesa respiram um autêntico ambiente popular, tais como «A Dança da Menina Tonta», «O Muro do Derreta», «Imagens da Terra e do Mar» e «Nazaré» que atestam bem a sua meritória acção em prol de um bailado português. A sua obra mais importante é talvez o «Quarteto Concertante», para 4 solistas e orquestra de arco com o qual obteve o «Prémio Domingos Bomtempo» instituído pela Emissora Nacional. O «Nocturno» para violoncelo e piano de 1926 valeu-lhe o «Prémio Nacional de Composição».

Frederico de Freitas tem-se dedicado também à divulgação da música portuguesa do período medieval sendo de destacar o concerto realizado no Castelo de Almourol em que apresentou algumas das mais belas páginas dos compositores portugueses do seiscentos. Chefiou sucessivamente as orquestras de Camara da Emissora Nacional Sinfónica Nacional como segundo Director, do Conservatório de Música do Porto e finalmente a Orquestra de Concerto recentemente fundada pela Emissora Nacional.

Levou a efeito em Lisboa e Porto a audição de algumas obras raramente executadas no nosso país, entre elas a «Nona Sinfonia» de Beethoven, «Messias» de Haendel, «Invocação dos Luziadas» de Viana da Mota, «Cântico do Advento» de Schumann, «Magnificat» e «Oratória de Natal» de Bach, «Requiem» de Fauré, e «Dilúvio» de Saint-Saens, com a contribuição da Sociedade Coral de Lisboa de que é fundador e director.

Frederico de Freitas, no decorrer de mais de trinta anos ao serviço da música portuguesa, tem feito numerosas digressões pelo estrangeiro tendo-se apresentado em Madrid, Barcelona, Paris, Amesterdão, Haia, Roma, etc.

Ultimamente tem dirigido com elementos portugueses vários espectáculos de ópera, tais como «Cavalleria Rusticana», «Mese Mariano» e «Serrana» de Alfred Keill. Tem regido muitos espectáculos de gala em S. Carlos, nomeadamente o que o Governo realizou em honra do Generalíssimo Franco e no qual tocaram sob a sua regência Guilhermina Suggia e Maria Antoinette Levêque de Freitas Branco.

Por ocasião da visita da Rainha Isabel II dirigiu o espectáculo de Gala em sua honra, levado a efeito pelo Governo no Teatro Nacional de S. Carlos.

# LA TRAVIATTA

MÚSICA DE VERDI

VIOLETA . . . . .	LEONTINA MIRANDA
ALFREDO . . . . .	ARMANDO GUERREIRO
GERMONT . . . . .	LUIZ FRANÇA
FLORA . . . . .	ANDREA GASPAR
ANINA . . . . .	CECILIA CORREIA
BARÃO DOUPHAL . . . . .	MANUEL LEITÃO
GASTÃO . . . . .	ANTÓNIO CÂNDIDO
MARQUÊS D'ORBIGNY . . . . .	JOSÉ DE SOUSA E COSTA
DOUTOR . . . . .	ALVARO MALTA
CRIADO . . . . .	MANUEL OLIVEIRA

A CENA PASSA-SE EM PARIS E ARREDORES

# LA TRAVIATTA

ÓPERA EM 3 ACTOS (4 QUADROS)

ORQUESTRA DE CONCERTO DA EMISSORA NACIONAL

MAESTRO DIRECTOR  
FREDERICO DE FREITAS

REGISTA  
GINO SAVIOTTI

ELEMENTOS DO  
CORO DO TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS

MAESTRO DE CORO  
MÁRIO PALLEGRINI

PONTO  
CARLO PASQUALLI

ADERECISTA  
COLUMBANO SABINO

MAQUINISTA-CHEFE  
JOÃO PAULO MOTA

ELECTRICISTA-CHEFE  
LIÊGE D'ALMEIDA

GUARDA-ROUPA FORNECIDO PELO  
TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS E CASA PAIVA

CABELEIRAS  
M A D U R E I R A

CENÁRIOS DO  
TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS

MOBÍLIAS FORNECIDAS PELA  
CASA MATOS SOARES-COVILHÃ





## I ACTO

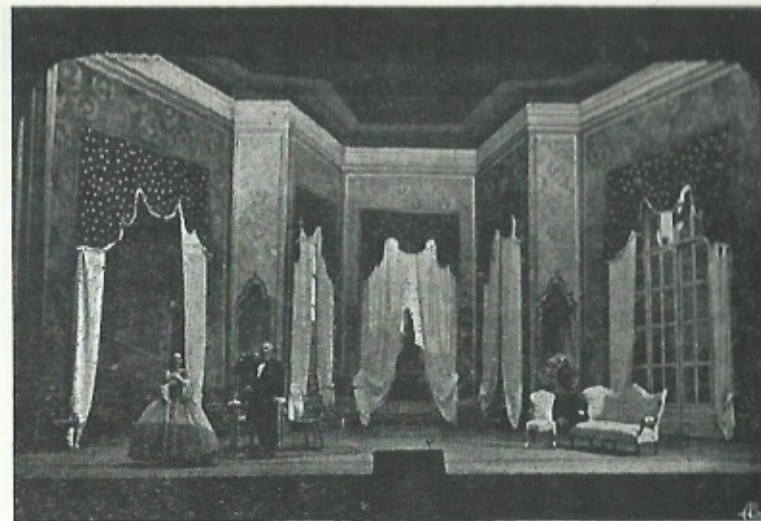
### UMA SALA EM CASA DE VIOLETA VALÉRY

Numa brilhante festa em casa de Violeta Valéry, junta-se uma multidão elegante de mundanas e de homens da alta sociedade. Um destes apresenta à dona da casa, um jovem amigo: Alfredo Germont que a ama apaixonadamente, sem se atrever a confessar-lhe o seu amor.

A atitude de Alfredo agrada a Violeta, pouco habituada a inspirar sentimentos tão ingênuos e profundos; distingue-o à mesa da ceia, e deixa-se convidar por ele para dançar. No momento, porém, em que vai juntar-se com Alfredo, aos outros pares que dançam, sente-se mal, tem sucessivos ataques de tosse. É a doença pulmonar que a espreita, agravada por uma vida de constantes e frívolos prazeres. Alfredo fica junto de Violeta, enquanto os outros convidados dançam ou jogam. Declara-lhe a sua ardente paixão, faz-lhe ver que se mata com aquela vida, e suplica-lhe que a abandone, e se poupe para se restabelecer.

Violeta não acede imediatamente aos apaixonados rogos de Alfredo, aconselha-o a preferir a amizade ao amor, e dá-lhe, como recordação, uma camélia.

Alfredo sai, os convidados retiram-se. Tendo ficado só, Violeta interroga o próprio coração. Sente uma nova esperança na vida, sensação estranha que não pode definir. Subitamente compreende porque se sente transformada: é porque pela primeira vez sabe o que é o amor verdadeiro. Se ainda pudesse regenerar-se? Mas haverá regeneração para ela? Não. Foi um sonho. Ela é, e continuará a ser, uma mundana, condenada a renunciar à íntima felicidade, pelo prazer apenas aparente.



## II ACTO

### O JARDIM DA CASA DE CAMPO DE VIOLETA

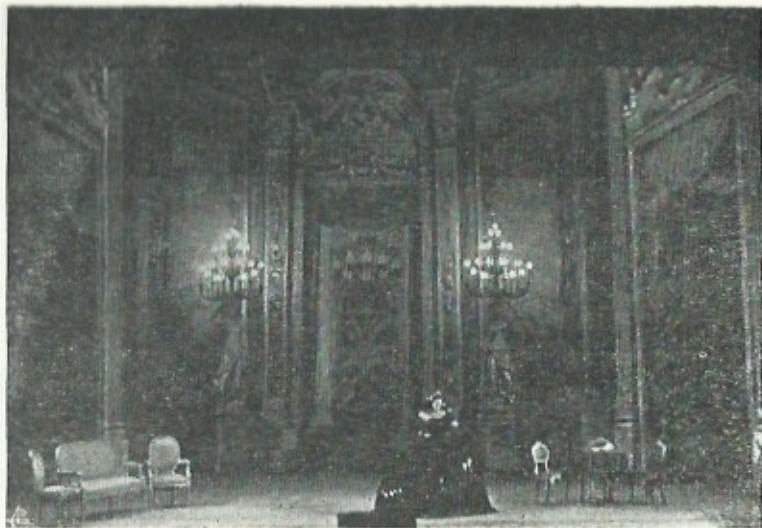
Violeta Valéry aceitou o amor de Alfredo e retirou-se com ele para a sua casa de campo nos arredores de Paris. Este diz que desde o início da existência em comum com ela a quem adora, sente que vive no céu. Violeta recebe uma carta da mundana Flora Bervoix convidando-a para um baile, sorri, e diz que renunciou para sempre àquela vida, que a amiga Flora e os seus convidados esperarão inutilmente por ela.

Anunciam a Violeta, que está só, um cavalheiro desconhecido. É Georges Germont, pai de Alfredo, que começa por censurar ásperamente aquela, que lhe desentendeu o filho.

Com dignidade, Violeta responde que é uma senhora, que está em sua casa, que chama Germont à ordem mais por ele do que por ela.

Surpreendido e impressionado, Germont acalma-se e diz ao que vem. Tem uma filha, pura como um anjo, essa filha vai fazer um casamento vantajoso, o noivo porém que é de costumes muito rigorosos, recusa-se a casar com a menina Germont, enquanto Alfredo viver com uma mundana. O primeiro movimento de Violeta é defender a sua felicidade, mas vendo que dela depende o futuro de uma família honesta, resolve sacrificar-se. Fingirá que regressa de vontade à vida dissoluta, e deixará uma carta para Alfredo, dizendo-lhe que o abandona. O convite de Flora Bervoix, contribuirá para tornar verosímil a fuga de Violeta. Em troca de tão grande sacrifício Violeta pede a Germont que a lembre à filha e a beije a ela, Violeta, como se sua filha fosse. Germont assim faz. Violeta parte, e à chegada de Alfredo, o pai representa a comédia combinada para o convencer da infidelidade da jovem, Alfredo cai nos braços de Germont; então diz-lhe que uma viagem à Provença no sul da França, o curará de tão funesta paixão.





### III ACTO

#### 1.º QUADRO

#### UMA SALA EM CASA DE FLORA BERVOIX

O que se faz em geral como no terceiro acto da «Traviata», não é senão o segundo quadro do segundo acto: o baile em casa da mundana Flora Bervoix. Alfredo que partiu como louco da casa de campo de Violeta, entra procurando-a para ter com ela uma explicação; Violeta, porém, dá o braço ao barão Douphal. Organiza-se um jogo de cartas, no qual Alfredo se associa arriscando elevadas quantias; a sorte favorece-o. É feliz no jogo, deve ser infeliz no amor, e assim é, porque Violeta, cumprindo a promessa que fizera a Germont, dá a entender a Alfredo, para o afastar, que está apaixonada pelo barão.

Alfredo enraivecido, chama os convidados, e, com gesto de desprezo, lança aos pés de Violeta, o dinheiro que recebeu ao jogo. Violeta desmaia. Mas Germont que seguiu o filho, avança e reprova energicamente o acto dele, dizendo-lhe quanto é vil o homem, que, mesmo na ira, ofende uma mulher.

Alfredo sai, desesperado.



#### 2.º QUADRO

#### O QUARTO DE VIOLETA

Ao abrir o pano sobre o terceiro acto, em geral apresentado, nas representações da «Traviata», como quarto acto, vê-se Violeta moribunda, descansando sobre o leito no quarto de dormir. Entra o médico; Violeta diz-lhe que está prostrada pelo sofrimento mas que tem a alma tranquila, porque se confessou na véspera.

Paris festeja o Carnaval e Violeta, carinhosamente tratada pela fiel Annina, pede-se da vida. Tem apenas um desejo: tornar a ver Alfredo. Este entra, correndo, lança-se-lhe nos braços. Soube do sacrifício que ela foi forçada a fazer pela família dele, vem pedir-lhe perdão, e oferecer-lhe a mão de esposo. Os dois namorados ainda têm uma ilusão de felicidade futura, sob um céu mais azul do que o de Paris, onde a saúde de Violeta reflorirá. Esperança vã, os minutos de vida que ainda restam a Violeta, estão contados. Morre nos braços de Alfredo, e diante de Germont, que vem trazer-lhes a bênção





Leontina Miranda



Armando Guerreiro



Luiz França



Manuel Leitão



Antônio Cândido



Andrea Gaspar



Cecília Correia



José de Sousa e Costa



Alvaro Malta



Carlos Fonseca



TIPOGRAFIA MINERVA - COVILHÃ

10-5-957

III

1000 Ex.



A EXECUÇÃO DE CENÁRIOS, LUZES E ARRANJOS DE CENA SÃO DO  
PROF. ALFREDO FURIGA  
DO TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS

PARTE DO GUARDA-ROUPA PERTENCE À  
CASA «PÉRIS HERMANOS» - MADRID  
HABITUAL FORNECEDORA DO TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS

PARTE DO MOBILIÁRIO É FORNECIDO PELA  
CASA M. DA COSTA SARAIVA - COVILHÃ

O MOBILIÁRIO DO 4.º ACTO É FORNECIDO POR  
DECORAÇÕES «UERBA» - COVILHÃ  
DIRECÇÃO ARTISTICA DE JOÃO ABREU